



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

CARTOGRAFIAS URBANAS: O GRAFITE EM SÃO JOÃO DEL-REI

Josiane Nogueira

Universidade Federal de São João Del Rei

josy@ufsj.edu.br

Giovana Scareli

Universidade Federal de São João Del Rei

giovana_scareli@ufsj.edu.br

Resumo

Sentidos atentos na estação na qual lanço-me à experiência da pesquisa em educação. Uma viagem de trem que teve início na cidade de São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil, a partir de um encontro com artistas urbanos na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Encontro que me incentivou a buscar territórios existenciais outros, despertados pelo conceito de estrangeiridade (CAMUS, 2002) e (KRISTEVA, 1994) e pela possibilidade de ser aprendiz em um percurso em que a cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 1995) me orienta e me prepara para uma viagem, uma cartografia urbana, cuja experiência está implicada. Passos, Kastrup e Escóssia (2009), oferecem pistas para uma cartografia, inspiradas em Deleuze e Guattari, que orientam minha atenção pelo caminho desconhecido. Uma atenção flutuante, sem foco, disponível para capturar de modo involuntário as ramificações que compõem o processo em curso, uma atenção típica do trabalho do cartógrafo que me despertou a iniciar a construção de um mapa afetivo do grafite na cidade de São João del-Rei.

Palavras-chave: Cartografia; Território; Mapa afetivo; Estrangeiridade; Grafite.

Introdução: preparando a viagem

O embarque se deu na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), localizada na cidade de São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil, quando estudantes da instituição foram detidos suspeitos de pichação em muros e paredes, alguns tombados pelo patrimônio histórico-cultural. As providências legais em defesa do Patrimônio Público foram tomadas pelos órgãos competentes e para discutir essa questão do ponto de vista institucional, na busca por cumprir o papel formador da universidade, com protagonismo de estudantes que realizam trabalhos relacionados às artes urbanas, foi criado um grupo de discussão do qual originou o Fórum de Artes Urbanas das Vertentes (FauVertentes).

A primeira edição do FauVertentes ocorreu no ano de 2019. Evento que, através de mesas temáticas, apresentações de trabalhos, oficinas culturais, pintura de murais em espaços públicos, entre outras atividades, buscou expandir a discussão a respeito da educação visual e da coexistência de diferentes tipos de arte em um território dominado pelas artes sacras. Território que, de acordo com Andrade (1995), relaciona-se às relações de poder produzidas em determinado espaço. Enquanto servidora do corpo técnico administrativo da instituição me foi incumbida a tarefa de apoiar as atividades de organização desse Fórum, de conhecer esses novos territórios.

Assumir essa responsabilidade, com pouco conhecimento sobre o trabalho desenvolvido pelos artistas urbanos, foi embarcar no trem sem saber qual o destino da viagem. No início, o



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

rastreio, “[...] um gesto de varredura no campo” (KASTRUP, 2009, p. 40). Na mala apenas um caderno para anotações, uma máquina fotográfica e o desejo de percorrer o caminho, de decifrar novos signos que possibilitem apreciar e aprender com as novas paisagens que seriam vistas através das janelas da cabine a cada curva da estrada.

Um olhar pela janela

Da janela da minha cabine a primeira imagem registrada revelava tensões existentes ainda na estação de embarque, a universidade. Em seus corredores, por vezes, mesmo depois de ter autorizado a pintura de algum local fui acionada para saber se “É mesmo para deixar ‘seus meninos’ fazerem essa pintura?” Pelos espaços da cidade que circundava a estação, onde foram organizados eventos abertos, do meu assento, ouvi pessoas dizendo “O que esses estudantes vão aprontar agora?” Já com o trem em movimento, acompanhando os estudantes em oficinas, pude observar os momentos em que foram abordados e arguidos sobre o motivo de suas intervenções e, principalmente, se tinham autorização para fazê-las.

“Cartografar é conectar afetos que nos surpreendem” (POZZANA, 2014, p. 63). E como essas questões me afetaram! Me tocaram! Um toque que, de acordo com Kastrup (2009, p. 42), “[...] é sentido como uma rápida sensação, um pequeno vislumbre, que aciona em primeira mão o processo de seleção”. Um processo em curso desenrolava-se às minhas vistas e precisava explorá-lo, uma pequena mudança de rota antes de seguir viagem.

Primeira parada: uma nova estação, novos destinos

Pelos trilhos do trem, a toda velocidade fui levada à uma nova estação, uma nova parada, a disciplina *Educação e Filosofia e Imagem: Invenções e(em) pesquisas e(em) vidas I* do Programa de Pós-graduação em Educação da UFSJ. Nesta parada, enquanto aguardava para a compra de um novo bilhete sem indicação de destino, um encontro com pesquisadores que me apresentaram um novo conceito: a estrangeiridade enquanto uma condição. Segundo Camus (2002) e Kristeva (1994), ao classificar a estrangeiridade como uma condição, a relacionamos ao que é diferente, a algo que nos retira da zona de conforto e que pode nos levar a situações de conflito com o outro ou com nossa própria essência. Algo a que todos nós estamos sujeitos, cuja percepção é identificada quando enxergamos nossas diferenças e que termina “[...] quando nos reconhecemos todos estrangeiros, rebeldes aos vínculos e às comunidades” (KRISTEVA, 1994, p. 9).

Pensar a estrangeiridade a partir dessa perspectiva me ajudou a compreender melhor o sentimento de estranheza relacionado às obras realizadas pelos artistas urbanos e com um gesto que indica a formação de um novo território, espaço onde a observação se reconfigura, pousei minha atenção sobre ela. Essa reconfiguração me levou a dois outros destinos, uma pesquisa em andamento no Programa de Pós-graduação em Educação da UFSJ intitulada “Educação, estrangeiridade e arte urbana: uma cartografia com artistas urbanos” e a construção de um mapa afetivo do grafite na cidade de São João del-Rei, a cidade dos sinos (KASTRUP, 2009). O trabalho aqui apresentado é um recorte do que aconteceu durante o processo de construção



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

desse mapa ainda não finalizado, momento em que busquei ouvir histórias tristes e felizes presentes em imagens espalhadas pelos muros da cidade, relatos que pudessem me fazer compreender melhor a condição de estrangeiridade a que os artistas urbanos estariam sujeitos e sua relação com o território que buscam coabitar.

A construção de um mapa afetivo

Na cabine ao lado, três passageiros conversavam sobre seus trabalhos, grafites espalhados pela cidade de São João del-Rei. Interessada, sem cerimônia, me apresentei e passei a participar do diálogo. No alongar da conversa, pedi que contassem as histórias escondidas nos pingos de tinta que compunham suas obras. A partir de suas narrativas, centradas na subjetividade, o inesperado, informações que me levaram a mais uma vez perceber a presença do tratamento estrangeiro em um território dominado culturalmente pelas artes sacras. Era o momento de descer do trem e seguir a pé com eles para olhar mais de perto suas produções.

Com a câmera fotográfica que havia levado na mala, registrei algumas dessas obras e em meu caderno anotei as histórias compartilhadas. Voltei para o trem com esses registros, e inspirada por esses fragmentos de memória e por essas imagens iniciei o processo de produção de um mapa que as interligassem, que as projetassem na cidade, um mapa afetivo do grafite na cidade de São João del-Rei. Para a legenda, microcontos, “uma espécie de intervenção literária minimalista”, que incluíssem minha percepção sobre as imagens registradas e que ao mesmo tempo despertassem o imaginário de quem as lesse (BERTOCCHI, 2013, p. 01).

Um mapa, que de acordo com Seeman (2012), não se resume às marcações de longitude e latitude em uma folha em branco. Nem um produto ou ferramenta de localização que se fizeram sozinhas, mas uma construção cultural coletiva criada a partir de sentimentos, da identidade de pessoas que afetam e são afetadas, “(...) textos culturais, e não espelhos do mundo, embora eles ajudem a fabricar essas realidades. (HARLEY, 1990 apud SEEMAN, 2012, p. 69)

Adepta das novas tecnologias, apesar de preferir viagens de trem às de avião ou de carro, optei pela utilização do *Google Maps*, Figura 1, para registrar as imagens coletadas, sendo a primeira nomeada *Pintura Rupestre*, Figura 2. Em seguida a história que inspirou o microconto utilizado como legenda.

Figura 1: Marcação no *Google Maps*.



Fonte: *Google Maps*.



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

Figura 2: Pintura rupestre.



Microconto

Fui pego fazendo minha arte. Como pena, a minha arte num muro autorizado...

Muro da Escola Estadual
Ministro Gabriel Passos, São
João del-Rei, MG. 08/06/2021

Paulo¹, artista urbano que fez esse grafite, me contou que essa obra é fruto de uma pena alternativa de 72 horas de trabalho comunitário por ter sido surpreendido pintando um muro sem autorização. Uma pintura rupestre em uma linguagem contemporânea, realizada no muro de uma escola pública da cidade de São João del-Rei. As linhas geométricas inicialmente traçadas não davam ideia do que resultaria o trabalho, o que despertou a curiosidade das crianças da escola que o observavam. Mistério desvendado por uma delas, que com sua simplicidade e pureza insistia em assiná-lo junto com o artista. Criança que na fase final do trabalho descobriu que o desenho se assemelhava àquelas imagens encontradas nas cavernas, que disse que para ser completa precisaria somente de marcas de mãos e que levou o artista, em um gesto de empatia e generosidade a convidá-la, junto com uma fila de muitas outras, a completar a obra, a carimbar suas mãos no muro da escola.

Considerações da viagem até o momento

Essa cartografia urbana do grafite em São João del-Rei está apenas começando. Muitos muros, imagens, histórias ainda estão por vir para compor este mapa afetivo do grafite na cidade. O conceito de estrangeiridade ajuda a olhar para o mundo com o estranhamento necessário para fazer ver (LAPOUJADE, 2017). Do mesmo modo, a cartografia ajuda a olhar para o mundo com o olhar de cartógrafo, um olhar atento, mas desfocado, que vai catando imagens, sentidos, histórias aqui e ali, como o viajante que desce do trem, faz um passeio e volta para a plataforma para pegar o próximo trem e descer em outra parada. Para onde o trem me levará? Quais territórios percorrerei? Que novas paisagens me aguardam? Na certeza do inesperado, aguardo meu próximo bilhete...

¹ Vamos utilizar nomes fictícios para os artistas que estamos acompanhando nessa pesquisa.



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

Referências

ANDRADE, Manuel C. de. **A questão do território no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1995.

BERTOCCHI, Sônia. **Literatura de alta velocidade**. Disponível em:
<http://lousadigital.blogspot.com/>. Acesso em: 07 jul. 2021.

CAMUS, A. **Estado de Sítio**. Trad. Alcione Araújo e Pedro Hussak. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** 2. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, Letras, 1995.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Edição Rocco, 1994.

LAPOUJADE, D. **As existências mínimas**. Trad. Hortencia Santos Lencastre. São Paulo: n-1, 2017.

POZZANA, L. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (Org.). **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 42-65

PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulinas, 2009.

SEEMANN, J. Tradições humanistas na cartografia e a poética dos mapas. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER; L. de O. W. (Org.). **Qual o Espaço do Lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2012, v. 1, p. 69-89.